

O estudo da toponímia baiana em línguas orais e línguas de sinais

The study of Bahia toponymy in oral languages and sign languages

Liliane Lemos Santana Barreiros* 

RESUMO: A partir dos resultados alcançados com o projeto de pesquisa “Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras” (CONSEPE-UEFS 044/2018), apresenta-se nesse trabalho uma proposta metodológica para o estudo da toponímia baiana, numa perspectiva bilíngue – línguas orais e línguas de sinais. Este projeto, vinculado a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), busca catalogar, analisar e classificar os topônimos de natureza física e humana para criar ferramentas que possibilitem acessibilidade e inclusão social para surdos. Os dados da pesquisa são coletados nas Folhas Cartográficas do IBGE, no Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), nas Prefeituras, no Centro de Documentação e Pesquisa da UEFS e nas Associações de Surdos. A pesquisa fundamenta-se nos referenciais teóricos e metodológicos relacionados aos estudos linguísticos da Libras (Felipe, 1983; 2006; Ferreira, 1995; Quadros; Karnopp, 2004; Souza Júnior, 2012; Quadros, 2019; Sousa, 2020), aos estudos toponímicos (Dauzat], 1926; Dick, 1980; 1990; 1992 [1986]; 1992; 1999; Isquerdo, 1996; Lima, 1997; Francisquini, 1998; Seabra, 2004; 2006; Souza Júnior,

ABSTRACT: Based on the results achieved with the research project “Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras” (CONSEPE-UEFS 044/2018), this work presents a methodological proposal for the study of Bahian toponymy, from a bilingual perspective – oral languages and sign languages. This project, linked to the State University of Feira de Santana (UEFS), seeks to catalogue, analyze and classify toponyms of a physical and human nature to create tools that enable accessibility and social inclusion for deaf people. Research data is collected from the IBGE Cartographic Sheets, the Institute of Artistic and Cultural Heritage of Bahia (IPAC), City Halls, the UEFS Documentation and Research Center and Deaf Associations. The research is based on theoretical and methodological references related to the linguistic studies of Libras (Felipe, 1983; 2006; Ferreira, 1995; Quadros; Karnopp, 2004; Souza Júnior, 2012; Quadros, 2019; Sousa, 2020), to toponymic studies (Dauzat], 1926; Dick, 1980; 1990; 1992 [1986]; 1992; 1999; Isquerdo, 1996; Lima, 1997; Francisquini, 1998; Seabra, 2004; 2006; Souza Júnior, 2012; Sousa; Quadros, 2019; Sousa, 2022), historical and cultural studies of Bahia

* Doutora em Língua e Cultura. Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). lilianebarreiros@uefs.br

2012; Sousa; Quadros, 2019; Sousa, 2022), aos estudos históricos e culturais da Bahia (Poppino, 1968; Andrade, 1990; Risério, 2004; Tavares, 2008; Vasconcelos, 2012) entre outros. A análise dos topônimos tem evidenciado os aspectos linguísticos e históricos da origem dos lugares estudados, considerando o processo político-cultural que envolve a nomeação de uma localidade, uma vez que, nesse campo, trabalha-se com um léxico que conserva antigos estágios denominativos.

PALAVRAS-CHAVE: Bahia. Toponímia. Línguas orais. Línguas de sinais.

(Poppino, 1968; Andrade, 1990; Risério, 2004; Tavares, 2008; Vasconcelos, 2012) among others. The analysis of toponyms has highlighted the linguistic and historical aspects of the origin of the places studied, considering the political-cultural process that involves the naming of a location, since, in this field, we work with a lexicon that preserves old denominational stages.

KEYWORDS: Bahia. Toponymy. Oral languages. Sign languages.

1 Introdução

As pesquisas voltadas para o estudo do léxico são importantes fontes de conhecimento sobre a formação de uma língua, pois dialogam com a realidade social, histórica e cultural de seus falantes. Além disso, permitem identificar aspectos da renovação lexical e da diversidade linguística, que são inerentes ao processo de atualização da língua. Isto ocorre porque o léxico armazena e acumula as mudanças sociais e culturais representativas de uma sociedade.

Neste sentido, o estudo da motivação dos topônimos (nomes próprios de lugares), bem como de sua origem e evolução, traz à tona aspectos linguísticos e históricos da origem dos lugares estudados, considerando o processo político-cultural que envolve a nomeação de uma localidade, uma vez que, nesse campo, trabalha-se com um léxico que conserva antigos estágios denominativos.

Na Bahia, há importantes trabalhos realizados na área dos estudos toponímicos e, desde 2015, está em andamento a elaboração do Atlas Toponímico da Bahia (ATOBAH), vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e coordenado pela Profa. Dra. Celina Márcia de Souza Abbade.

Em 2018, iniciamos o projeto de pesquisa *Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras* (CONSEPE-UEFS 044/2018), vinculado ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (neiHD), na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O objetivo deste projeto é estudar as motivações dos nomes e dos sinais atribuídos aos acidentes físicos e humanos da cidade de Feira de Santana para compreender as influências sociohistóricas e as interfaces entre a língua oral e a língua de sinais envolvidas no processo de nomeação. A partir dos resultados alcançados, elaboramos instrumentos que facilitem a inclusão social e a acessibilidade dos surdos, como, por exemplo, a página na web (TopoLibraS), o perfil no Instagram (EducaTopos) e um aplicativo para uso no celular (e-Dict)¹.

Atualmente, o projeto é coordenado por mim, Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, especialista em Libras, e composto por cinco intérpretes, professores de Libras, Carlos Messias Alves de Jesus, Daniela Betânia dos Santos Ferreira, Midian Jesus de Souza Marins, Emanuelle Reisurreição Santos Carneiro Dantas e Thaianne Souza Macambira, atuantes na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), na UEFS e na comunidade surda de Feira de Santana. Também contamos com a participação do Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros, com experiência em desenvolvimento de sistemas computacionais, que é responsável pelo gerenciamento e pela modelagem do banco de dados.

Com a continuidade da pesquisa, sentimos a necessidade de ampliar o *corpus* do projeto, contemplando o Estado da Bahia. Desse modo, apresentamos neste artigo a reformulação da proposta metodológica para o referido projeto, a partir das reflexões e amadurecimento do grupo de pesquisa.

¹ *TopoLibraS*. Disponível em: <https://toponimialibrasaude.wixsite.com/uefs>. Acesso em: 20 jul. 24.

2 Os estudos toponímicos em Libras na Bahia

A Onomástica é o campo da Linguística que tem como objeto de estudo o ato de nomear pessoas e lugares. Entre as suas áreas de investigação, destacam-se: a Toponímia e a Antroponímia. A primeira está voltada para o estudo dos nomes próprios de lugar, considerando a motivação, a origem e as transformações dos nomes de logradouros públicos, das cidades, dos estados, dos países etc. Já a segunda, estuda os nomes próprios de pessoa, que podem ser divididos em diversas subcategorias, como prenomes, sobrenomes, apelidos, nomes artísticos etc. De acordo com Seabra (2006, p. 1954):

À onomástica interessa o nome – distinto da palavra – pois pressupõe um nomeador e um nomeado, uma representação externa à qual ele se une: o nomeador (sujeito, emissor ou enunciador), o objeto nomeado (o espaço e suas subdivisões conceptuais, que incorpora a função referencial, sobre o que recairá a ação de nomear), o receptor (ou o enunciatário, que recebe os efeitos da nomeação, na qualidade de sujeito passivo). Nessa transmigração a palavra se desloca do sistema lexical para o sistema onomástico, transcodificando-se, ou seja, do plano onomasiológico da língua (da designação) se integra ao plano semasiológico (da significação). Na construção do processo denominativo, a palavra incorpora o conceito dessa operação mental, cristalizando o nome e, assim, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes (Seabra, 2006, p. 1954).

Esta necessidade de nomear os seres, os objetos e os lugares é uma prática que está presente na humanidade desde os primórdios, pois “é o nome que dimensiona a pessoa e caracteriza o humano e o animado, polarizando sua atividade sociolinguística” (Dick, 1998, p. 77). Os nomes não designam somente seres e coisas, eles expressam questões que vão muito além do dito e do escrito. O ato de nomear um lugar, por exemplo, mobiliza valores, crenças e significados que nem sempre são perceptíveis. Isto ocorre por vários motivos, desde o distanciamento temporal da nomeação, acarretando no apagamento histórico, até mesmo a ações políticas que impõem mudanças por motivos diversos. Segundo Dick (1990):

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se inter cruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais (Dick, 1990, p. 19).

Os topônimos são frutos de uma escolha por parte do nomeador, baseando-se nos seus valores e em sua visão de mundo, os quais são históricos e socialmente determinados. Para Dick (1992, p. 19), a toponímia apresenta-se “[...] como a crônica de uma comunidade, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras [...]”, registrando a mentalidade de uma determinada época. Portanto, a análise dos topônimos evidencia os aspectos linguísticos e históricos da sua origem, considerando o processo político-cultural que envolve a nomeação de uma localidade.

No Brasil, os estudos toponímicos foram iniciados com Theodoro Sampaio, com a obra *O Tupi na Geografia Nacional* (1955 [1901]) e Levy Cardoso, com o livro *Toponímia Brasileira* (Cardoso, 1961). O livro de Cardoso destaca a importância dos estudos toponímicos para a compreensão das migrações e das questões étnicas e linguísticas de um determinado espaço geográfico. Outro trabalho de grande relevância foi a *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*, realizado por Carlos Drummond e publicado em 1965 (Drummond, 1965). Em seguida, subsidiada pelas orientações de Drummond e pela teoria de Albert Dauzat (1926), Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP), sanou as lacunas encontradas, até aquele momento, com a publicação de trabalhos significativos, nos quais propõe uma sistematização metodológica para os estudos toponímicos. Dentre eles, destacam-se: a tese de doutorado, *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxonômicos* (1980), os livros, *Toponímia e Antroponímia no Brasil: coletânea de estudos* (1992 [1986]), *A motivação toponímica e a realidade brasileira* (1990) e a *Dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo: 1554-1897*, publicado em 1992, e diversos artigos

publicados em revistas científicas. Além disso, Dick idealizou a elaboração de um Atlas Toponímico do Brasil (ATB).

O projeto ATB serviu de mote para vários projetos que estão em desenvolvimento em algumas universidades brasileiras: i) Projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo), na USP; ii) Projeto ATEMT (Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso), na Universidade Federal do Mato Grosso; iii) Projeto ATEMS (Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul), na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul; iv) Projeto ATEPAR (Atlas Toponímico do Estado do Paraná), na Universidade Estadual de Londrina; v) Projeto ATITO – Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins, na Universidade Federal do Tocantins; vi) Projeto ATAQB (Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira), na Universidade Federal do Acre; vii) Projeto ATEMIG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais), na Universidade Federal de Minas Gerais; e viii) Projeto ATOBAH (Atlas Toponímico da Bahia), na Universidade do Estado da Bahia. No âmbito destes projetos, muitas teses, dissertações e artigos científicos já foram desenvolvidos e publicados (Barreiros; Seabra, 2021).

Com o intuito de ampliar a discussão teórica e metodológica acerca dos estudos toponímicos na Bahia, em 2018, iniciamos o projeto de pesquisa *Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras* na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Este projeto visa ampliar o debate em torno dos estudos toponímicos na Bahia, estabelecendo um diálogo entre as línguas orais, em especial a Língua Portuguesa, e a Libras, dando visibilidade à comunidade surda feirense e colocando à sua disposição um catálogo bilíngue dos sinais utilizados para designar os topônimos. Além de oportunizar a essa comunidade o acesso a conhecimentos históricos acerca da cidade de Feira de Santana.

A motivação toponímica está ligada aos valores sociais, políticos e culturais da memória coletiva e estabelece um vínculo de identidade entre os sujeitos que nomeiam, o nome escolhido e o lugar nomeado. Os topônimos representam valores e

revelam traços culturais da memória e da identidade de um povo. Estes aspectos também são perceptíveis nas línguas de sinais, assim como ocorre nas línguas de modalidade oral-auditiva. Sousa e Barreiros (2020) destacam que os sinais toponímicos refletem a cosmovisão dos usuários da língua e são passíveis de análise estrutural (do signo) e motivacional, com relação aos aspectos visuais que influenciaram na escolha (ou mesmo na criação) dos sinais no ato de nomeação (batismo) dos espaços.

Notamos que, mesmo com a defasagem no processo de escolarização, decorrente da falta de políticas adequadas de inclusão, os surdos têm conquistado mais espaços que priorizam o seu desenvolvimento educacional. Apesar do reconhecimento da língua de sinais como primeira língua (L1) dos surdos, a Libras não substitui a modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua (L2), tornando-os indivíduos bilíngues, que convivem com duas culturas diferentes. Por se tratar de línguas com modalidades distintas (o português é uma língua oral-auditiva e a Libras é uma língua viso-espacial), a aprendizagem da L2 fica condicionada a aquisição da L1 como língua natural.

No entanto, diversos fatores como a aprendizagem tardia da L1, metodologias inadequadas de ensino, falta de profissionais qualificados etc., inviabilizam uma assimilação satisfatória da Língua Portuguesa. Em Feira de Santana, por exemplo, até 1992, era proibido o uso da língua de sinais, pois se priorizava o oralismo², ocasionando um grande retrocesso na formação do sujeito surdo. Somente com a Lei Municipal nº 164, de 1 de fevereiro de 2005, implantou-se a Libras como língua oficial do Município. Com a Lei Municipal nº 2608, de 29 de agosto de 2005, reconheceu-se a profissão do intérprete de língua de sinais e a Lei Municipal nº 3000, de 19 de maio de 2009, garantiu a obrigatoriedade da presença do intérprete de Libras nos espaços públicos de atendimento coletivo dentre outros. Tais regulamentações tornaram-se um marco histórico para a comunidade surda local, uma vez que o reconhecimento

² O oralismo é uma abordagem que visa à integração da criança surda na comunidade ouvinte, enfatizando a língua oral do país (Goldfeld, 1997).

nacional e em âmbito municipal abre portas para a garantia de direitos antes negado a esta comunidade.

Nestas condições, decorrentes de fatores históricos, políticos e culturais, e da carência na aprendizagem da L2, a nossa pesquisa constatou que a maioria dos surdos de Feira de Santana têm dificuldades para identificar nomes de bairros, ruas, avenidas, praças, lagoas, escolas, unidades de saúde, patrimônio arquitetônico da cidade etc. Geralmente, eles utilizam a datilologia (soletração manual) para se situar ou referenciam a partir de estabelecimentos que já existem no local e possuem um sinal específico. Outro recurso muito usual é o empréstimo linguístico por inicialização³.

O estudo que vem sendo realizado em Feira de Santana, no âmbito do projeto de pesquisa já mencionado, tem oferecido ao público surdo e ouvinte a oportunidade de conhecer, por meio do estudo toponímico, as práticas sociais e os costumes utilizados por um determinado grupo social e as influências linguísticas sofridas ao longo da história.

De 2018 até a presente data, alguns resultados de pesquisas já foram apresentados em diversos eventos para a comunidade acadêmica, publicados⁴ e socializados com a comunidade surda. Além disso, destacamos:

- a realização de um estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), de março de 2018 a fevereiro de 2019, sob a supervisão da Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, com o projeto de pesquisa *Estudo toponímico bilíngue (Português/Libras) dos patrimônios arquitetônicos tombados de Feira de Santana-BA*, no qual foram analisados 16 patrimônios arquitetônicos tombados do município;

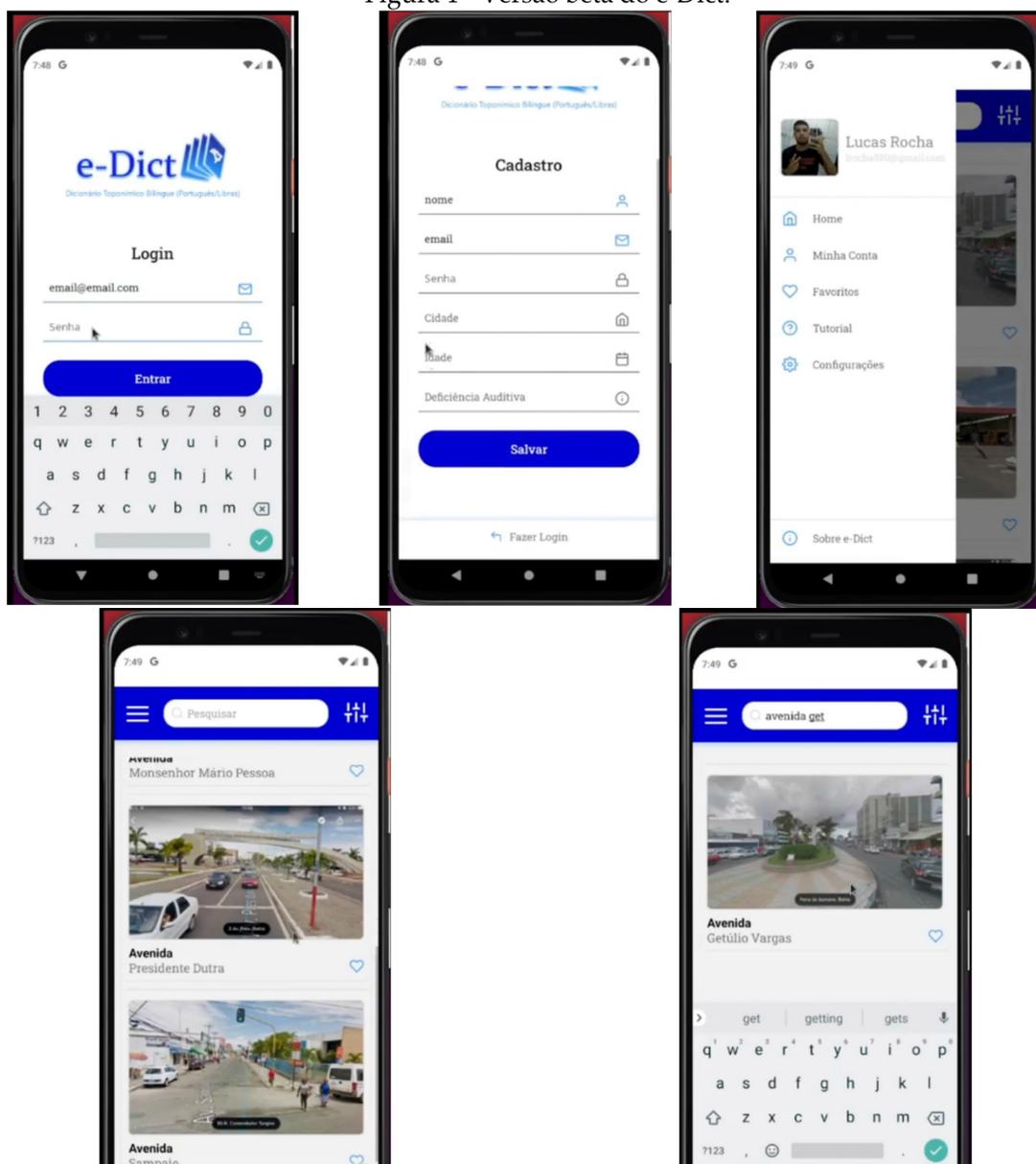
³ Para Ferreira (1995), o empréstimo linguístico por inicialização são aqueles sinais onde a configuração de mão é representada pela letra inicial correspondente a palavra em Língua Portuguesa. Por exemplo, o sinal G V para a Avenida Getúlio Vargas.

⁴ Barreiros e Seabra, 2018, 2021; Ferreira e Barreiros, 2018a, 2018b, 2020, 2022; Jesus e Barreiros, 2018a, 2018b, 2023; Sousa e Barreiros, 2020; Dantas e Barreiros, 2023; Santos e Barreiros, 2023.

- a defesa de duas dissertações de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS), *Estudo toponímico dos bairros de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras* (Jesus, 2019), que analisou 96 bairros, distribuídos em 5 regiões administrativas, e *Estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras* (Ferreira, 2019), que analisou 63 ruas do centro comercial e 5 avenidas do município;
- a defesa de uma Tese de Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS), *Estudo toponímico Português-Libras das Unidades de Saúde de Feira de Santana-BA* (Marins, 2024), que analisou 171 unidades de saúde de baixa, média e alta complexidade, propôs a criação da taxa mimetopônimo e construiu o website TopoLibras (disponível em: <https://toponimialibrasaude.wixsite.com/uefs>);
- *Protótipo do aplicativo Dicionário toponímico bilíngue Português-Libras da cidade de Feira de Santana-BA*, Iniciação Científica desenvolvida pelo estudante de Engenharia da Computação, Lucas dos Santos Rocha, na UEFS, com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), sob orientação do Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros, de 2020 a 2022.

A partir desse trabalho realizado na Iniciação Científica e com a colaboração de pesquisadores da área de Computação, foi desenvolvido a versão beta do *Dicionário toponímico bilíngue Português-Libras de Feira de Santana*, um aplicativo de celular para disponibilizar os dados da pesquisa. A versão beta do e-Dict tem dois níveis de acesso, direto ou via login. Com o cadastro, o usuário tem acesso a outras abas e pode contribuir com comentários, como se demonstra nas figuras 1 e 2:

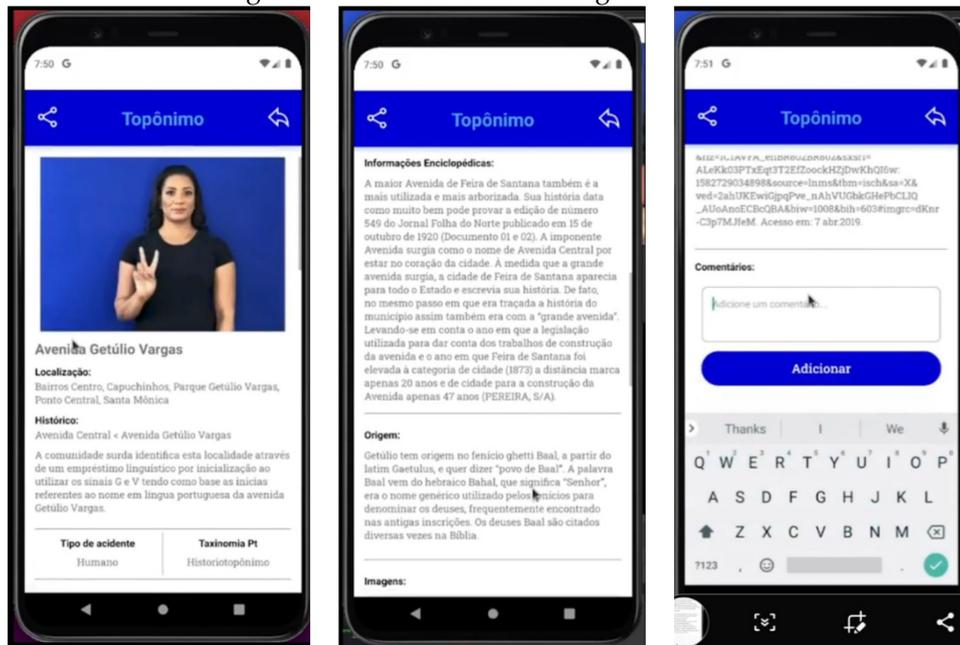
Figura 1 - Versão beta do e-Dict.



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

O aplicativo disponibiliza para o usuário os dados referentes aos bairros (Jesus, 2019) e às ruas e avenidas de Feira de Santana (Ferreira, 2019). Após selecionar o topônimo, o usuário tem acesso aos dados da ficha e ao vídeo do sinal toponímico (cf. figura 2):

Figura 2 – Avenida Getúlio Vargas no e-Dict.



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Vale ressaltar que o aplicativo está em fase de testes pela equipe do projeto e, em breve, será submetido à comunidade surda para percebermos como os usuários irão interagir com esse recurso. Essa etapa ficou atrasada, assim como outras atividades previstas na agenda de pesquisa, devido a pandemia de Covid-19, em 2020-2022, por conta do isolamento social.

Atualmente, estão em andamento duas teses de Doutorado: *Os terreiros do Recôncavo Baiano: estudo toponímico em línguas orais e Libras dos espaços de religiões de matrizes africanas*, de Carlos Messias Alves de Jesus, e *Estudo toponímico dos municípios baianos em Libras*, de Daniela Betânia dos Santos Ferreira; duas dissertações de Mestrado: *Estudo toponímico bilíngue (Português/Libras) das instituições de ensino públicas e privadas de Feira de Santana/BA*, de Emanuelle Reisurreição Santos Carneiro Dantas, e *Estudo toponímico bilíngue (Português/Libras) dos serviços básicos de atendimento ao cidadão em Feira de Santana-BA*, de Thiane Souza Macambira, com previsão de defesa para até 2025. Na Iniciação Científica, temos a graduanda Caroline da Silva Pereira Santos, do curso de Letras, que desenvolveu o plano de trabalho *Estudo toponímico dos distritos de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras (2022-2023)* e está executando o plano *Estudo*

toponímico em *Língua Portuguesa e em Libras das feiras livres de Feira de Santana (BA)* e o trabalho de conclusão de curso com o mesmo tema, com previsão de término para 2025.

Após a realização dos trabalhos já mencionados e das discussões no grupo de pesquisa, observamos a necessidade de algumas mudanças na pesquisa: a) ampliação do *corpus* de estudo, não se limitando apenas a cidade de Feira de Santana, mas ampliando para todo o território baiano; b) ampliação da perspectiva linguística de análise de Português-Libras para línguas orais e línguas de sinais⁵, tendo em vista que a origem do topônimo pode ter mais de uma influência; reformulação da ficha lexicográfica-toponímica, com a inserção do vídeo em QR Code, e uma proposta metodológica mais adequada para o preenchimento e análise do sinal referente ao topônimo em Libras; por fim, a elaboração de um modelo de microestrutura a ser adotado para a construção de trabalhos lexicográficos com os dados coletados e analisados. A partir das mudanças apontadas, está em tramitação a proposta de um novo projeto mais amplo e que abarque essas mudanças: *Estudo da toponímia baiana: línguas orais e línguas de sinais (Etapa I)*.

O projeto de pesquisa em andamento está fundamentado nos referenciais teóricos e metodológicos da Lexicografia Moderna (Biderman, 1984; 1998; 2001; Haensch, 1982; Werner, 1982; Vilela, 1983; 1995; Porto Dapena, 2002; Barreiros, 2017), dos estudos linguísticos da Libras (Felipe, 1983; 2006; Ferreira, 1995; Quadros; Karnopp, 2004; Quadros, 2019), dos estudos toponímicos (Dauzat, 1926; Dick, 1980; 1990; 1992 [1986]; 1992; 1999; Isquierdo, 1996; Lima, 1997; Francisquini, 1998; Seabra, 2004; 2006; Souza Júnior, 2012; Sousa; Quadros, 2019; Sousa, 2022), dos estudos históricos e culturais da Bahia (Poppino, 1968; Andrade, 1990; Risério, 2004; Tavares, 2008; Vasconcelos, 2012) entre outros para a análise dos dados.

⁵ “No Brasil, assim como em outros países, contamos com algumas línguas de sinais indígenas, usadas em comunidades indígenas paralelamente às línguas indígenas estabelecidas. São línguas diferentes da Libras.” (Quadros, 2019, p. 25).

3 Metodologia

No Brasil, o trabalho realizado por Dick é considerado um referencial teórico e metodológico basilar para as pesquisas toponímicas. Para a realização da pesquisa toponímica bilíngue aqui proposta, fundamenta-se no modelo taxionômico proposto por Dick (1992)⁶ e adaptado por Isquendo (1996), Lima (1997), Francisquini (1998) e Carvalho (2010) para classificar os topônimos e sistematizar os dados coletados referentes à origem, à formação linguística, à intencionalidade, à motivação, aos aspectos históricos, culturais e sociais que influenciaram na nomeação em Língua Portuguesa e na criação dos sinais em Libras para identificar os acidentes geográficos físicos e humanos.

A partir do modelo de ficha lexicográfico-toponímica proposta por Dick (2004), outros pesquisadores (Souza Jr, 2012; Sousa; Quadros, 2019) propuseram acréscimos de elementos que contemplem as línguas de sinais e suas especificidades linguísticas e culturais. Com os avanços das pesquisas realizadas, percebemos que os registros fotográficos dos sinais, mesmo com as setas indicando o movimento, não davam conta da representatividade dos parâmetros da língua adequadamente: configuração de mão, ponto de articulação ou locação da mão, movimento da mão, orientação da mão e aspectos não manuais dos sinais, ou seja, as expressões faciais e corporais. Segundo Quadros e Karnopp (2004), cada sinal é visto como um feixe de elementos simultâneos, uma vez que são formados por mais de um parâmetro ao mesmo tempo.

A título de exemplo, temos o sinal do bairro Conceição I, situado na Região Administrativa 1 (R1), do município de Feira de Santana-BA, estudado por Jesus (2019, p. 68). O registro fotográfico da realização do sinal não evidencia a vibração da letra C, como podemos ver na figura 3:

⁶ Dick (1992) apresenta 27 modelos taxionômicos, divididos em dois grupos de classificação: 11 de natureza física, que possuem relação com o espaço físico da natureza e 16 de natureza antropológica, para nomes de lugares relacionados a influência humana.

Figura 3 – Sinal do bairro Conceição I, de Feira de Santana.



Fonte: Jesus (2019, p. 68).

Diante dessa constatação, decidimos substituir a representação imagética pelo vídeo da realização do sinal em QR Code para facilitar a visualização do mesmo e ampliar a acessibilidade. Além disso, inserimos o link do Google Maps para possibilitar o acesso às imagens de satélite do local.

Para fotografar e filmar a realização dos sinais, usamos roupas sem enfeites, com a cor contrastando com a cor da pele, e as mãos sem acessórios para não interferir na comunicação.

A seguir, apresentamos os elementos que compõem a ficha lexicográfico-toponímica proposta para a continuidade da pesquisa:

- Termo Genérico – o que é nomeado, relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação. Ex.: Igreja, Praça, Rua, Avenida, Rio, Bairro etc.;
- Topônimo em LP – o nome próprio que designa um lugar ou acidente geográfico em Língua Portuguesa;
- Tipo de Acidente – o tipo de acidente geográfico (Físico ou Humano);
- Localização – informação sobre a localização geográfica do espaço em estudo, com a inclusão do link para o Google Maps;

- Taxonomia do Topônimo em LP – classificação taxonômica de acordo com o conteúdo semântico, ou seja, as causas motivacionais que nomeiam o topônimo: natureza física ou natureza antropocultural⁷ Dick (1992);
- Origem – a procedência do topônimo (Portuguesa, Africana, Indígena, Hibridismo, Estrangeirismo ou n/e para não encontrado);
- Histórico – as mudanças do topônimo, quando ocorre, utilizando sinais gráficos. ~ toponímia paralela < evolução do nome;
- Imagens – as imagens do espaço em estudo, contrastando registros antigos e atuais, quando houver;
- Informações adicionais – as informações acerca da história e de outros aspectos relacionados ao topônimo;
- Sinal em Libras – sinal utilizado pelo surdo para nomear o espaço, apresentado em vídeo e disponível em QR Code;
- Taxonomia do Topônimo em Libras – a classificação de acordo com as taxionomias propostas por Dick (1992) e acréscimos feitos por Francisquini (1998), Carvalho (2010) e Souza Jr. (2012);
- Estrutura Morfológica do Sinal Toponímico – descrição da composição morfológica do sinal toponímico, considerando sua estrutura de formação (simples, simples híbrida, composta e composta híbrida)⁸;

⁷ As taxes de natureza física são: Astrotopônimos, Cardinotopônimos, Cromotopônimos, Dimensiotopônimos, Fitotopônimos, Geomorfotopônimos, Hidrotopônimos, Litotopônimos, Meteorotopônimos, Morfotopônimos e Zootopônimos; As taxes de natureza antropocultural são: Animotopônimos ou Nootopônimos, Antropotopônimos, Axiotopônimos, Corotopônimos, Cronotopônimos, Dirrematotopônimos, Ecotopônimos, Ergotopônimos, Etnotopônimos, Hierotopônimos (divididos em hagiotopônimos e mitotopônimos), Historiotopônimos, Hodotopônimos (ou Odotopônimos), Numerotopônimos, Poliotopônimos, Sociotopônimos e Somatotopônimos. (DICK, 1992, p. 31-34).

⁸ Formação simples, quando há apenas um formativo da língua de sinais nativa; b) formação simples híbrida, quando há apenas um formativo com empréstimo da língua oral em sua estrutura; c) formação composta, quando há mais de um formante, e todos os elementos são da língua de sinais nativa; e d) formação composta híbrida, quando contém mais de um formante: sendo pelo menos um da língua de sinais nativa, e pelo menos outro com empréstimo de língua oral ou outra língua de sinais distinta da nativa) (Sousa, 2022, p. 46).

- Motivação do Sinal – descrição do contexto motivacional de criação do sinal;
- Fontes – indicação das referências das fontes utilizadas para a coleta dos dados e para o preenchimento da ficha (livros, artigos, vídeos, mapas, sites etc.).

A partir das modificações e acréscimos realizados, apresentamos a ficha preenchida referente ao bairro Conceição I de Feira de Santana-BA (cf. quadro 1):

Quadro 1 - Ficha lexicográfico-toponímica do bairro Conceição I (R1)

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA		NÚMERO: 1
TERMO GENÉRICO: Bairro	TOPÔNIMO EM LP: Conceição I	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: Feira de Santana-BA https://goo.gl/maps/P3siVRctn2BkgCsY8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiotopônimo		
ORIGEM: Portuguesa		
HISTÓRICO: Santo Antônio Velho < Conceição		
IMAGENS: 		
Fonte: Google maps.		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: O bairro chamava-se Antônio Velho e, posteriormente, foi batizado com o nome de Conceição em virtude da construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Com o crescimento do bairro, dividiu-se em Conceição I e Conceição II.		
SINAL EM LIBRAS: 	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Acronimotopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Composto híbrido	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL: Natureza antropocultural (icônica) - Sinal motivado por uma letra do nome original do topônimo (Ç), seguida do numeral cardinal um (1).	
FONTES: Lista de bairros e conjuntos habitacionais de Feira de Santana. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_bairros_e_conjuntos_habitacionais_de_Feira_de.. >. Acesso em: 13 set. 2022.		

Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Jesus (2019, p. 68).

Todo o processo de preenchimento da ficha é feito e revisado por especialistas em língua de sinais, por profissionais que tenham experiência com educação de surdos e estudos sobre surdos. Os dados da pesquisa são coletados nas Folhas Cartográficas do IBGE, no Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano de Feira de Santana (SEDUR), na Secretaria Municipal de Trabalho, Turismo e Desenvolvimento Econômico (SETTDEC), no Centro de Documentação e Pesquisa da UEFS e na Associação de Surdos de Feira de Santana.

4 Considerações finais

A produção da versão beta do aplicativo de celular em breve estará disponível para acesso de usuários surdos e ouvintes, que tenham interesse em conhecer a história dos nomes dos lugares estudados. Além desse produto tecnológico, os resultados da pesquisa serão utilizados na produção de placas de sinalização do *campus* da UEFS e, futuramente, essa experiência será replicada à cidade de Feira de Santana, em convênio a ser firmado com a Prefeitura.

O aprimoramento da ficha toponímica corresponde ao amadurecimento das discussões do grupo de pesquisa, dos debates promovidos em eventos e dos diálogos estabelecidos com o grupo de pesquisa coordenado pelo Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). A nova ficha amplia a acessibilidade por meio da inserção do QR Code, que permite a visualização do sinal toponímico de maneira mais interativa, e o acesso ao Google Maps para visualização do local em tempo real.

A partir do trabalho lexicográfico que será empreendido e dos dados obtidos das análises, vários aspectos podem ser explorados em futuras pesquisas, relacionadas à formação histórica e à variação linguística da Língua Portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais.

Do ponto de vista técnico-científico de inovação e difusão, a proposta de projeto de pesquisa que apresentamos destaca-se pelo potencial para a inovação, por se tratar de uma pesquisa inédita na Bahia, que promoverá o fortalecimento linguístico, educacional e cultural da comunidade surda do Estado. Os resultados da pesquisa proposta auxiliarão no ensino e na aquisição da língua de sinais para os surdos, otimizando o processo de localização geográfica e o acesso as informações históricas e culturais dos locais estudados.

Destacamos também a relevância social da pesquisa, pois contribuirá para a verdadeira inclusão, promovendo a acessibilidade dos surdos em diversos ambientes, assegurando o direito do exercício da cidadania, não só em cumprimento da legislação, mas por uma questão de valores éticos, morais e, principalmente, de respeito ao próximo.

Destacamos ainda o papel da pesquisa para a formação de novos pesquisadores que desenvolvem planos de trabalhos de Iniciação Científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado. As reflexões teórico-metodológicas do grupo de pesquisa têm fortalecido a pesquisa no âmbito dos estudos toponímicos em Língua Portuguesa e Libras.

Por fim, os resultados da pesquisa contemplam diversos aspectos, a saber: a) a produção de conhecimentos no campo dos estudos toponímicos; b) alcance social por beneficiar uma comunidade historicamente excluída; c) potencial para inovação no campo científico e tecnológico, ao propor a produção de um aplicativo de celular; d) formação de pesquisadores qualificados (mestres e doutores).

Referências

ANDRADE, C. M. P. de. **Origens do povoamento de Feira de Santana**: um estudo de história colonial. 1990. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1990.

BARREIROS, L. L. S. **Vocabulário de Eulálio Motta**. 360f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2017.

BARREIROS, L. L. S.; SEABRA, M. C. T. C. Cantos e encantos de Feira de Santana-BA: uma proposta de estudo bilíngue (Português/Libras) da toponímia feirense. In: **Caderno de Resumos Abralín em Cena Bahia**, 2018, v. 1, p. 115.

BARREIROS, L. L. S.; SEABRA, M. C. T. C. Cantos e encantos de Feira de Santana (BA): estudo bilíngue (Português/Libras) na toponímia feirense. In: SOLEDADE, J.; SIMÕES NETO, N. A. (org.). **Nomes próprios: abordagens linguísticas**. Salvador: EDUFBA, 2021, v. 1. p. 259-274.

BIDERMAN, M. T. C. A ciência da Lexicografia. **Alfa: Revista de Linguística**. São Paulo: UNESP, n. 28 (supl.), p. 1-26, 1984.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998. p. 11-20.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRANDÃO, A. dos S. **Guia de ruas (bairros) e mistérios: a toponímia como elemento identitário em Bahia de Todos os Santos**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2015.

BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 dez. 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de setembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dez. 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Brasília MEC. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 29 set. 2017.

CARDOSO, A. L. **Toponímia Brasileira**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CARVALHO, M. A. de. **Contribuições para o Atlas Toponímico do Mato Grosso – Mesorregião Sudoeste mato-grossense**. 2010. 540f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2010.

- DAUZAT, A. **Les noms de lieux**: origine et evolution. Paris: Delagrave, 1926.
- DANTAS, E. R. S. C. ; BARREIROS, L. L. S. Estudo toponímico bilíngue das instituições de ensino públicas de Feira de Santana-BA: português e Libras. **Cadernos do CNLF** (CIFEFIL), v. XXVI, 2023. p. 178-194.
- DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica**: princípios teóricos e modelos taxonômicos. 1980. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1980.
- DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 3. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992 [1986].
- DICK, M. V. de P. do A. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo: 1554-1897**. São Paulo: Annalume, 1992.
- DICK, M. V. de P. do A. Os nomes como marcadores ideológicos. *In: Acta Semiótica et Lingvistica*. São Paulo: Editora Plêiade, v.7, 1998. p. 97-122.
- DICK, M. V. de P. do A. Rede de Conhecimento e Campo Lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. *In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. As Ciências do Léxico*: lexicologia, lexicografia e terminologia. Vol. II. Campo Grande: Editora UFMS, 2004. p. 121-131.
- DRUMOND, C. **Contribuição do Bororo à Toponímia Brasília**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1965.
- FEIRA DE SANTANA. Lei Municipal Nº 164/2005. Dispõe sobre a implantação e obrigatoriedade da Libras – Língua Brasileira de Sinais – como Língua oficial do município de Feira de Santana e dá outras providências. **Leis Municipais**. Feira de Santana, 1 fev. 2005.
- FEIRA DE SANTANA. Lei Municipal Nº 2608/2005. Cria cargos de intérpretes de Libras – Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. **Leis Municipais**. Feira de Santana, 29 ago. 2005.

FEIRA DE SANTANA. Lei Municipal Nº 3000/2009. Dispõe sobre a obrigatoriedade da presença do intérprete de Libras em locais de atendimento coletivo em Feira de Santana, e dá outras providências. **Leis Municipais**. Feira de Santana, 19 maio 2009.

FELIPE, T. A. Bilinguismo e Surdez. I CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUÍSTICA APLICADA. **Anais...** São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1983.

FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavras em Libras. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006. DOI <https://doi.org/10.20396/etd.v7i2.803>

FERREIRA, D. B. S.; BARREIROS, L. L. S. Estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana-BA: a motivação dos sinais em Libras. *In: Cadernos do CNLF (CIFEFIL)*, v. XXII, 2018a. p. 436-450

FERREIRA, D. B. S.; BARREIROS, L. L. S. Estudo toponímico Português-Libras das principais Avenidas do centro comercial de Feira de Santana-BA. *In: Caderno de Resumos Abralin em Cena Bahia*, 2018b. p. 122.

FERREIRA, D. B. S.; BARREIROS, L. L. S. Os antropotopônimos do centro comercial de Feira de Santana-BA: um estudo lexicográfico-toponímico bilíngue. *In: Anais do VII Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa - Estudos de linguagem em perspectiva: caminhos da interculturalidade*. Pernambuco: UFRPE, 2020, v. 1. p. 6868-6875.

FERREIRA, D. B. S.; BARREIROS, L. L. S. Estudo toponímico Português-Libras das principais avenidas do centro comercial de Feira de Santana-BA. *In: ARAÚJO, S. S. de F.; LACERDA, M. F. de O.; PAIM, M. M. T. (org.). Variação e Mudança na Língua Portuguesa*. São Paulo: Pontes Editores, 2022, v. 1. p. 93-111.

FERREIRA, D. B. dos S. **Estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras**. 186f. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2019.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FRANCISQUINI, I. de A. **O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranaval**. 1998. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Londrina - UEL. Londrina, PR, 1998.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

HAENSCH, G. Tipología de las obras lexicográficas. *In: HAENSCH, G. et al. **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica***. Madrid: Gredos, 1982. p. 95-187.

ISQUERDO, A. N. **O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 1996.

JESUS, C. M. A.; BARREIROS, Liliane L. S. A motivação toponímica das Praças Públicas de Feira de Santana-BA: Português/Libras. *In: **Caderno de Resumos do CNLF***. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2018a, v. XXII. p. 17.

JESUS, C. M. A.; BARREIROS, L. L. S. Estudo toponímico Português/Libras da Praça Pública Dom Pedro II de Feira de Santana-BA. *In: **Caderno de Resumos Abralin em Cena Bahia***, 2018b. p. 123.

JESUS, C. M. A. **Estudo toponímico dos bairros de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras**. 169f. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

JESUS, C. M. A.; BARREIROS, L. L. S. Os terreiros do Recôncavo Baiano: estudo toponímico em línguas orais e Libras dos espaços de religiões de matrizes africanas. *In: XXVI CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 2023*, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF - Resumos**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2023. v. XXVI. p. 106-107.

LIMA, I. A. de. A motivação religiosa dos topônimos paranaenses. *In: **Estudos lingüísticos*** – XLV Seminário do GEL. Campinas: UNICAMP, 1997.

MARINS, M. J. de S. **Estudo Toponímico Português-Libras das Unidades de Saúde de Feira de Santana-BA**. 2024. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Feira de Santana, 2024.

POPPINO, R. E. **Feira de Santana**. Salvador: Editora Itapuã, 1968.

PORTO DAPENA, J.-Á. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco Libros, 2002.

QUADROS, R. M. de. **Libras**. Coleção Linguística para o ensino superior 5. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. de. KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira, Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004. DOI <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.560>

RISÉRIO, A. **Uma história da Cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2004.

SAMPAIO, T. **O Tupi na Geografia Nacional**. 4. ed. Salvador, 1955 [1901].

SANTOS, C. S. P. ; BARREIROS, L. L. S. . Estudo da motivação dos nomes dos distritos de Feira de Santana-BA em línguas orais e Libras. *In: XXVI CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, 2023*, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF - Resumos**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2023. v. XXVI. p. 64-65.

SEABRA, M. C. T. C. de. **A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo**. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, M. C.. ATEMIG Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do ATB. *In: Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)*. Uberlândia: ILEEL, 2006.

SOUSA, A. M. de; QUADROS, R. M. de. Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da toponímia em línguas de sinais. **Revista Guavira, Três Lagoas**, v. 15. n. 30, p. 126-140, 2019.

SOUSA, A. M. de; BARREIROS, L. L. S. Panorama histórico dos estudos toponímicos em libras no Brasil. **Revista Sinalizar**, v. 5, p. e64069, 2020. DOI <https://doi.org/10.5216/rs.v5.64069>

SOUSA, Al. M. de. **Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. DOI <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2022.152>

SOUZA JÚNIOR, J. E. G. **Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira**. Uma perspectiva de toponímia por sinais. 2012. 80f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

TAVARES, L. H. D. **História da Bahia**. 11. ed. rev. e ampl. Salvador: EDUFBA, 2008.

VASCONCELOS, C. P. **Ser-Tão Baiano**: a baianidade e a sertanidade no jogo identitário da cultura baiana. Salvador: EDUFBA, 2012.

VILELA, M. **Definição nos dicionários de português, estrutura de explicação**. Porto: Asa, 1983.

VILELA, M. **Ensino da língua portuguesa**: léxico, dicionário, gramática. Coimbra: Almedina, 1995.

WERNER, R. Léxico y teoría general del lenguaje. In: HAENSCH, G. et al. **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982. p. 21-94.

Artigo recebido em: 01.04.2024

Artigo aprovado em: 30.09.2024